



O
silêncio
é
sempre
externo

Camilla Mossi



O
silêncio
é
sempre
externo

Camilla Mossi





©Camila Mossi de Quadros

Edição, diagramação, revisão da autora.

Capa: ilustração colorida licenciada em *creative commons* e *lineart* da autora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M913 Mossi, Camila. 1987

O Silêncio é sempre externo. [livro eletrônico] / Camila Mossi de Quadros. – Londrina, PR. 2020.

83 p.; 1,5Mb; PDF

1. Crônicas I. Título

CDD: B869.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira.

Todos os direitos reservados.

A reprodução total ou parcial dessa obra só é permitida mediante autorização expressa da autora.





À memória de dona Juju, a quem
devo a língua materna.

Agradeço especialmente à Nádia,
Cleusa, Ana, Poliana e Matheus
pelas leituras atentas e carinhosas.



Sumário

Leitura obrigatória	7
No princípio	10
Prosa poética	14
Til <i>Old School</i>	17
Literatura <i>pra</i> quê	22
Sem palavras	26
O silêncio é sempre externo	29
Faço letras	34
A língua do amor	37
A blasfêmia	41
Paixões e gramática de domingo à noite	45
Estranheirismo	50
O céu das histórias	53
Vozes	56
A insustentável leveza da crônica	60
O trema caiu	63
Sobrescrita	65
Parentes que não têm razão	69
Não sabia, agora <i>sapiens</i>	72
Agora não, <i>Sapiens</i>	75

Leitura obrigatória

Há inúmeras listas de leitura obrigatória na *internet*: os cem clássicos da literatura universal; os livros brasileiros que você não pode deixar de ler; os mais vendidos; os livros para alcançar o sucesso etc. E tem gente que se preocupa bastante com isso.

Um homem fez a conta: conseguiria ler 2000 livros na sua vida e se dedicou a elencá-los, então. Mas e as novidades que apareceriam na literatura? Como resistir a essas leituras não programadas em seu cronograma? Ele disse que tudo que vale a pena ser lido já havia sido escrito. Não é surpresa o fato de que ele logo desistiu do projeto: não há lista de clássicos no mundo que faça alguém resistir a ler *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei, ou *Debaixo das unhas*, de Samantha Abreu. A literatura contemporânea tem energia, a brisa da vida (ou da morte).

Segundo, porque o conceito de leitura obrigatória é imbecil já que nenhuma leitura literária é realmente obrigatória. A literatura não faz grande coisa por ninguém. Você pode ter uma

vida singular, tranquila e plena sem nunca ter tocado em um livro e cheirado suas páginas novas. No entanto, você certamente terá uma vida plural e conturbada se abrir as orelhas de pandora de um livro de literatura. É isso que ela faz: leva o leitor por muitas vidas e muitos mundos, o que é maravilhoso, mas não tem qualquer aplicação na vida cotidiana. Sonhar é escolha.

Por isso, quase sempre que alguém me pede uma lista de leitura obrigatórias, meu primeiro pensamento é: bula de remédio; contrato do cartão de crédito; anúncios; manual de instruções e montagem; letras miúdas, não necessariamente nessa ordem. Essas são as leituras que salvam. Afinal, nunca vi ninguém enroscado na vida por não ler Dom Casmurro, mas já vi gente muito enrolada com os juros do cartão depois de pagar apenas o rotativo, já vi a montagem de um berço culminar em uma estante e já vi gente pagando 200% de juros porque uma prestação ficou baixa.

Ler cuidadosamente anúncios também é fundamental: apartamento 2 quartos, banheiro, gramado privativo, garagem. R\$650,00 + condomínio. Imobiliária X. As perguntas: é térreo? Condomínio incluso? Com o proprietário? A

mais célebre: é casa? É necessária muita maturidade nas respostas. Fico por um fio de responder: não é térreo, o gramado é suspenso. Sim, é casa, mas tem uma casa grudada ao lado, duas na frente e sete grudadas em cima. Das leituras obrigatórias, a única que indico com ressalva é a da bula. É melhor focar só na parte da posologia e modo de usar.

A parte dos efeitos colaterais pode deixar a gente assustada com a síndrome das pernas inquietas ou muito hipocondríaca, quase o mesmo efeito de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Sobre tudo, a leitura atenta da bula evita sentir o gosto horrível na boca daquele remédio *per rectum*.



No princípio

Deus criou o homem e, vendo que este era a sua imagem e semelhança, deu-lhe o jardim e a mulher. Disse-lhe: “vá e nomeie!”. O homem olhou a sua própria mão, abriu, virou, tocou seu rosto. Fechou o punho e bateu no peito: “A-DÃO!”; O Pai fitava-o num misto de orgulho e expectativa.

Adão, olhando o jardim extasiado, abriu os braços e berrou: “É-DEN!”, Deus sorriu enternecido. A mulher estava olhando inexpressivamente; o homem, então, aproximou-se, tocou seu seio e deixou escapar um “Hmmmmm!”. O Criador, intrigado: “Hmmmmm?”. Adão triunfante, orgulhosíssimo do próprio trabalho, imediatamente explicou: “Não, não! É-VA!”. O Todo-Poderoso com uma expressão desconfiada.

“Gato! Sapo! Mato! Coco! Rato! Vaca!” – disparou o homem, correndo, apontando e nomeando enquanto Eva olhava ao longe, catatônica. Deus dividia-se entre se descabelar e cogitar se o homem seria hiperativo ou se a mulher estava quebrada. “Rio, gruta, pedra, mula,

fruta!” – gritava Adão alucinadamente, quando Eva falou baixinho “horizonte”. Deus, em meio à gritaria de Adão, aproximou-se e perguntou: “O que foi que você disse, minha filha?”. “Horizonte” – respondeu ela. Andou um pouco, pegou algo no chão, examinou e disse “diamante”. As feições divinas alternavam-se entre orgásticas e chocadíssimas.

Convencido de seu papel no mundo, continuava Adão, freneticamente: “Vale, chão, ovo, sol, lama, lua, flor!”, enquanto Eva, quase que musicalmente, dizia: “Pássaro, abacaxi, caverna, estrela, montanha, formiga, centopeia...”. Deus, num misto de orgulho e desespero, pensava em quanto amava a mulher e em como precisava deter o homem antes que toda a criação fosse nomeada de forma monossilábica.

Deus, em toda a sua sabedoria, chamou então a mulher, que apareceu logo após apontar para um bichinho, sorrir e dizer: “Você tem cara de ornitorrinco”. Ornitorrinco foi golpe baixo, Deus ficou arrepiado e teve que tomar uma atitude. Estalou os dedos e subitamente os seios de Eva triplicaram de tamanho. Chamou Adão: “Meu filho, eu estava dando uns retoques na mulher e quero saber a sua opinião sobre esses

novos seios que dei a ela”. Adão olhou de relance, sem qualquer entusiasmo e respondeu: “Tanto faz, não tenho tempo a perder com esses detalhes, ainda há muito o que se nomear e alguém aqui precisa trabalhar!”

Então, Deus colheu um pouco de cevada e, misturando com água, soprou e disse: “Tome filho, experimente a cerveja que fiz para você”. Adão mal havia engolido, soltou: “Adorei esse rum!”. Deus, desacreditando no que ouvia, falou: “Chama-se cerveja”, no que prontamente o homem retrucou: “Quem nomeia aqui sou eu, isto é rum!”.

Deus, perplexo e chateado por desobediência tão prematura, disse à mulher que não sabia mais o que fazer. Eva sorriu e cochichou alguma coisa no ouvido do Pai, que lhe animou imediatamente. Distrair o homem dando-lhe uma mangueira dentro das calças era uma ideia genial! Orgulhava-se da mulher que fizera.

Chamou Adão e falou: “estou tão orgulhoso do trabalho que fizeste que irei recompensá-lo!” – e estalando os dedos fez aparecer um *pipi* em Adão, que calou-se e foi brincar, ora acertando alvos ou escrevendo com xixi, ora se exibindo à Eva que ignorava-o completamente,

enquanto falava com maestria: “Gafanhoto, maritaca, crepúsculo, libélula...” Diz-se que, até nossos dias, os descendentes de Adão estão por aí, entretidos com o *pipi* ao invés de falar. Essa deficiência masculina com a comunicação é uma das grandes crises no relacionamento entre os sexos.

Os homens são assim, monossilábicos, apegados ao significado básico das palavras e, principalmente, às palavras básicas. Não espere que ele lhe diga que você está extraordinária, *borboletante*, radiante, fascinante, fantástica, maravilhosa. Para ele, tudo isto está incumbido em bonita. No máximo, em linda. Se ele disser “bela”, apegue-se, ele provavelmente tem 20 pontos de QI acima da média masculina. Se disser “poderosa”, desconfie, talvez vocês possam ser amigas. Se ele não disser nada, se conforme, você sempre vai saber quando ele gostou e, no fim das contas, ele está na mesma da maioria dos homens do planeta: do Brad Pitty, do Antonio Banderas, do Tom Cruise, do Vin Diesel. O último homem que educaram para se expressar acabou no movimento “Cala a boca, Galvão!” A escolha é sua.



Prosa poética

Eu não gosto de poesia. E não é sobre a poesia, ela provavelmente é boa. É sobre mim: eu não gosto porque tenho pressa e quero chegar lá no âmago da questão logo. Quero o desfecho tão brevemente quanto possível. Quero a discussão. Não tenho tempo para a rima ecoando na cabeça. Um soneto cotidiano é um trava-língua para um cérebro ansioso. Para a declamação, então, nem se fala. O pesadelo que é um sarau para uma apressada que pula degraus de dois em dois. Dá para morrer três vezes em cada pausa dramática e eu estou empenhada em evitar a morte, sabe como é?

Eu estou cronicamente viva, você poeticamente viva. Barulho e ritmo. Cacofonia e rima. Épico e comédia. Opostos que se atraem tanto que talvez meu próximo livro se chame Crônicas de poesia desconstruída. Ou não. Eu não gosto de poesia. Mas tudo bem porque você também não gosta de crônica, “só das suas”, me disse. Não sei. Talvez uma ou outra lírica, acho. Não é culpa delas. Poesia e crônica à mercê das nossas

vaidades. A ironia e a espontaneidade *te* assustam e *te* atraem. A singeleza e a melancolia nostálgica me paralisam e enternecem. Nosso sarau particular bagunça nossa órbita.

Eu não gosto de poesia, mas nunca digo isso em voz alta. Nem em caixa alta, então, trate com carinho essa confissão. Não gosto como a poesia, versos com os quais você já está acostumada a dançar e me manda despretensiosamente, chegam sutis e logo desnudam e inebriam e encantam e chacoalham a minha pobre alma que não sabe girar. Nunca aprendi. No meio do meu caminho havia uma pedra, alguns pedregulhos e várias pedrinhas nas quais escorreguei e fui metade do caminho de bunda – palavra que não frequenta suas estrofes, nem mesmo seus versos livres, que são livres, porém, polidos.

Nossas narrativas não frequentam o mesmo volume. Talvez nem a mesma coleção, entende? Folheie-se um tanto, leia suas notas de rodapé. Na sua jornada épica, você venceu a condição de camponesa e construiu o seu final feliz, encadernado em capa dura e exposto na estante. Mulher. Mulherão. Nas minhas folhas soltas em um intransigente papel jornal que voa ao relento,

me vê menina. Não há como discutir que nossa proximidade é certamente um erro de catalogação. Eu não gosto de poesia. Mas quando gosto, me lembra você. Quando um verso pastoril me traz o sussurro do vento dizendo que só para ouvi-lo vale a pena ter nascido, penso em você.

Quando a máquina floresce incondicionalmente, sonho com orgias literárias:

- Me deixa abrir o *teu* cordel?
- Não, temos que evitar a tragédia.
- Mas você marcou minha página.
- E eu quero ler você de orelha a orelha, mas não devo.
- Haicai em tentação.
- Não posso.

Entenda, o romance não cabe no poema e amores líquidos borram as letras e deixam a crônica com má impressão. Melhor encerrar aqui essa prosa poética, com aquela lembrança rimada de você dizendo “me ensina a não andar com os pés no chão”, mas a crônica, querida, é texto rasteiro, é a vida ao rés-do-chão.



Til *Old School*

— Oi, dona Gramática! Posso entrar?

— Pode sim, fique à vontade.

— Vim visitar o Til, ele está?

— Não, seu Til saiu.

— Ah, que pena, é que vi seu chapéu pendurado ali, achei que ele estivesse, nunca sai sem aquele chapeuzinho.

— Pois é, você conhece o seu Til, né? Ele anda meio circunflexo já.

— Falando nisso, ele tem ido ao Dicionário?

— Que nada! Foge de um Dicionário como o diabo da cruz. O seu Til é antigo, menino. Do tempo das regras. Ele até costumava ir ao Dicionário para consultas de rotina, mas depois que o Hífen e o Trema se foram, ele não é mais o mesmo.

— Grandes Hífen e Trema! Ah, seu Alfabeto também! Viviam os quatros ali na Escrita, bebendo e discutindo discursos. Não saíam lá do

Português! Eram uns papos políticos, um tal de acento diferencial para cá, reforma ortográfica para lá. Viviam discutindo a crase brasileira. Bons tempos aqueles! Eu, moleque, não entendia nada, mas ao final sempre ganhava um colchete. Passei esticando o pescoço para tentar achá-lo por lá, mas nada. A Escrita e o Português não são mais como antigamente. Poucas mesas antigas, quase nenhum acento.

— Então, depois que o Hífen e o Trema caíram, parece que seu Til está sempre esperando que chegue sua vez. Ele anda recluso, reserva-se a poucos passeios formais. Dia desses a dona Fonética veio visitá-lo, toda emperquitada, e ele não quis recebê-la, disse que está velho demais para entrar na da Fonética.

— Mas e o seu Alfabeto? Ele e o Til não eram muito amigos?

— Eram, disse bem, eram. O seu Alfabeto andou de trelelês com a dona Fonética, quando descobriu que ela vinha frequentemente atrás do seu Til, o velho ficou possesso. Não quer mais saber de conversa.

— Mas e a família? O Til não tem *nets*? Porque eu até entendo que seus filhos são meio ocupados, mas os *nets* são moleques, não são?

— Ah, os *nets* esqueceram seu Til, eles vivem *pra* baixo e *pra* cima com um tal de “aum”. O Til está velho, menino, o Til dá trabalho. Os *nets* não gostam de ter que segurar aqui, apertar ali. Leva para lá, põe para cá. Preferem um *naum* fácil que um não trabalhoso.

— Mas o Til não é um inválido, Dona Gramática! É só comprar um padrão ABNT para ele, que ele se vira com uma tecla só. Que absurdo essa molecada ficar desfazendo do Til.

— Isso é verdade. Logo seu Til, que já foi tão reconhecido. Sabia que os mineiros transformavam o que era bom em *bão*, só para o seu Til participar? As crianças faziam desenhos em sua homenagem, queriam seu Til do fim do “o” ao começo do “a”, trocavam qualquer Eme, pelo seu Til.

— É, o Til tem muitas histórias, né?

— É verdade, dizem que na Escrita Latina tem um sinal reto que lembra seu Til, e ele sempre brincou dizendo que é um latino torto. “Sou um sinal torto, flexível / Vim do Latim vulgar /

pra fazer do Português incrível!” – cantarolava, modestamente.

— O senso de humor do Til é incrível. Os *nets* não sabem o que estão perdendo. Ele sempre contava uma piada, que a cobrinha dele *tava* deitada e a da tia Cedilha em pé. Ela ficava louca.

— Seu Til é um homem pontuado, sonoro. Sabe fazer explosão no final. Um homem que respeita as vírgulas e mesmo assim conta piadas de cobrinhas, de fato, um homem equilibrado. Mas ultimamente ele anda com muitas reticências, muitas interrogações. Estou preocupada.

— Isso começou depois que ele teve o agudo, não foi?

— Sim, e eu morro de medo de que ele tenha logo um asterisco, afinal, ele nunca mais foi ao Dicionário.

— Bem, vou trazer aspas inglesas, para ver se lhe animo um pouco.

— Para com isso menino! Seu Til não pode beber.

— Ah, dona Gramática, ele precisa se divertir, começar um novo parágrafo. Tem tanta vírgula sem ponto por aí. A dona Fonética não é

de se jogar fora. Aliás, nem a senhora. Lembro que Hífen, Trema, Alfabeto e o Til viviam falando da senhora lá no Portuga. Diziam que era bela, que queriam estar sempre presentes, mas que seu pai, o doutor Texto, era muito bravo, que os considerava um bando de vírgulas.

— O que é isso, menino? Eu e seu Til somos bons e velhos amigos. Estamos lá meio fora de moda. Sabe que, há alguns anos, seu Til me convidou para fazermos uma estrofe juntos, mas acho que nosso tempo já passou.

— É, o Til a chamava de “mais bela flor do Lácio”, Gramática Portuguesa e suas belezas, exclamava ao vê-la. Nem sei como ele acabou se casando com a tia Cedilha. O Til é mesmo um travessão. Mas acho que, se ele não começar logo um novo parágrafo, vai acabar colocando-se um ponto final.

— Cruz credo, menino! Nem brincando diga uma coisa dessas. Seu Til, sobretudo, tem muita métrica. Não faria algo assim. Agora, de que mesmo que ele me chamava, hein?



Literatura *pra* quê

Quem nunca se perguntou ou ouviu essa pergunta? Quem não deu uma pequena gaguejada antes de responder? E quem nunca – jamais – respondeu algo como: para passar na prova / de ano / no vestibular? Atire a primeira pedra quem nunca se questionou mesmo que brevemente – e em silêncio para os livros não se ofenderem – sobre a utilidade da Literatura. De fato, ela não está entre as coisas mais práticas da vida. Você aprende um tanto de física e de geometria e se torna um sujeito apto a manter um prédio – ou uma pequena torre de lego, na maioria dos casos – em pé. Você aprende sobre Literatura e nada muda.

Antonio Prata já discutiu a temática: “poesia, inútil e fundamental”, ele escreveu com seus dedos corajosos, explicando que a poesia – ideia aplicável à Literatura, em geral – serve para *vários nada*, para ficarmos com cara de abobado da enchente diante do mistério da finitude após apreciarmos algumas linhas. 100% inútil. Mas, fundamental para nós, humanos, que somos tão

inúteis quanto. Afinal, estamos em um universo que pouco conhecemos, por motivos que desconhecemos. Até quando? Não sabemos. Como nos sentimos sobre todas essas incertezas e sobre outras menores, como João *crushar* Ana que seguiu Pedro que curtiu o *story* do Victor que postou foto com a Tainara que marcou o Emanuel que não ficou sabendo porque estava sem *internet*, são a matéria-prima da Literatura. Inútil, mas fundamental porque concentra o cerne de tudo.

Antonio Candido, um crítico literário importante, trouxe um fio de esperança para os professores, cansados de alunos debochados questionando o porquê de estudar um ou outro período literário. Ele atribuiu à Literatura a função humanizadora. Veja bem, em nossos tempos, em que os mitos caem dos bolsos, humanizar parece bastante importante.

Convenhamos que existe uma aura redentora em torno da leitura. Não é incomum que ela seja receitada como panaceia para resolver os males da humanidade. Há uma voz, sempre ecoando, que as pessoas seriam menos rudes e alienadas, mais politizadas e cidadãs se lessem mais. Há controvérsias. Harold Bloom, outro crítico

renomado, declara que não concebe como as pessoas poderiam ser cidadãs melhores e, assim, causarem impacto social positivo no mundo apenas desenvolvendo a sua capacidade imaginativa, que é o que ele acredita ser a real influência da Literatura nas pessoas: desenvolvimento da imaginação.

Humanizadora ou não humanizadora? Depende da concepção de humanizar. Considerando que a mola propulsora da Literatura são as emoções humanas, boas e ruins, talvez ela não tenha, de fato, um caráter disciplinar. Apenas com a Literatura, nossa breve existência pode se estender à infindáveis outras. Você pode vestir a pele de heróis épicos, de aventureiros, exploradores. De mãe de família, de cônego, de exilado de guerra, de milionário, de mago, de adestrador de pulgas. Mas, também, de sociopata. Mercenário. Louco. Pode experimentar as diferentes nuances da humanidade nas dores, alegrias e incertezas dessas vidas que toma emprestado. Já que somos seres restritos a um espaço e a um tempo, a Literatura é nosso artefato mágico para burlar as leis da Física. E para resguardar a essência do que é ser humano.

Inútil. Sim, sem discussão. Mas, como disse antes, fundamental porque concentra o cerne de tudo. A Literatura é o manual de uso da humanidade. Veja bem, a Psicologia pode explicar o complexo de Édipo, mas apenas a Literatura esmiúça as dores de um Édipo que arranca os próprios olhos, em desespero, por ter se relacionado com a própria mãe. A religião explica o inferno e as normas para evitá-lo, mas a Literatura mostra toda a aflição de Riobaldo, na sua incerteza de ter ou não vendido sua alma ao Diabo. A História conta os períodos de grande fome, a Sociologia explica os motivos dessas desigualdades, mas, ah, a Literatura demonstra todas as dores de uma morte e uma vida Severina. A Filosofia expõe e debate as grandes questões da humanidade, mas, nada explica tão bem o tédio de uma existência sem sentido quanto o “*eta vida besta, meu Deus*”, do poeta.



Sem palavras

*“Uma palavra incompreensível
Seria a ponte para o dia
Seria noite a vida inteira
Não fosse a tua caligrafia.”
Humberto Gessinger*

Acho que um dos sentimentos mais profundos que existem se expressa na frase “fiquei sem palavras” ou na cara pálida e emudecida diante dos 7x1 da vida que sequer consegue enunciar sua própria mudez. Ficar sem palavras é não ter como reagir, não conseguir pensar, não conseguir existir. Você, ali, um amontoado de carne, ossos e sangue, inóspito como a página em branco.

Se nos tomam as palavras, o que resta? Vazio, nada, reticências... Pontuação?!?!?! Como se definir sem as palavras? Como querer? Como se arrepende e como – COMO? – entender aquele manual de montagem da sapateira ricamente ilustrado, mas sem um texto de passo-a-passo? Praticamente um cenário apocalíptico para

amantes-da-leitura-tagarelas-reclamações. Como, deus-do-céu, esbravejar sem as palavras, quando parte da sapateira despencar na sua cabeça porque algum troglodita achou inteligível o manual sem palavras?

Palavrões à parte, existe, obviamente o jeito bom de ficar sem palavras. Aquele que é anunciado pelas palavrinhas. Aquele decorrente de um sentimento peremptoriamente inefável: quando algo nos entenece ou nos transborda e, nós, seres iletrados no amor, não temos repertório para traduzir complexamente em signos e sinais, emitir sons devidamente estruturados em uma frase coerente, sem parecer o Tarzan batendo no peito suas primeiras palavras.

Aconteceu comigo. Eu, que sempre sei o que dizer. Eu, advogada do diabo. Eu, cronista. Aconteceu de assalto. Sem palavrinhas de prenúncio.

Numa noite comum de maio, meio de semana, a Nádia – moça do sorriso perfeito e da *tattoo* do Simba – achou uma brecha na agenda agitada para conhecer o *UP* bar com a moça bonita que conhecera, há uns dias, na balada – eu.

O cenário *kitsh* do *UP*, as caipirinhas de *ya-kult* e as duas ali, embaladas por uma música suave. As bebidas esquentavam porque as falas, sincronizadas e entusiasmadas, discutiam de teoria da evolução à literatura. De culpa cristã à inexistência de deuses. De infância nos anos 90 à viagem no tempo. Aquela conversa que dá orgulho no roteirista *cult* e pretensioso dessas vidas. Ah, o roteirista! Eu não estava preparada para os planos do roteirista!

Os dedos se tocam em flerte e – BANG!

– Perdi o fio da meada... – ela declarou, com os lábios aveludados e reticentes que se calam em um beijo inexplicável.

É belo e único o silêncio que antecede o primeiro beijo. Perdemos as palavras, mas ganhamos sentido. Mão única. Juntas, na epopeia de montar sapateiras sem instruções e entender um mundo que fala muito, mas não diz nada. Juntas, nefelibatas e *dicionarizantes*. Juntas.



O silêncio é sempre externo

Silêncio. É fim de semana, momento de escrever. Botar no papel todas aquelas inspirações que vieram durante a semana e pousaram em meu ombro como um pássaro azul. Pássaro raro. Qual eram, mesmo? Tinha aquela ideia de que “o futuro não é mais como era antigamente”. Ah, mas tinha outra também. Essa aí nem é dessa semana. Foi daquele dia chuvoso que você estava arrumando o escritório e ouvindo Legião. Grande Renato!

Ainda tem quem reclame da música nacional, aff, parece que nunca ouviram Engenheiros. Falando nisso, tem aquela crônica do Gessinger, *tá* rascunhada, né? Você rascunhou no celular na volta daquela viagem para Curitiba. Olha como você está moderna, Camila, rascunhando crônicas no celular... Mas hoje, não.

Hoje é um domingo de inverno, *tá* tudo pronto, escritório arrumado, livros separados por gênero, paredes decoradas, mantinhas nas poltronas. Foto do Verissimo para dar inspiração. Uma máquina de escrever do seu ladinho e

você pensando em rascunhos feitos no celular! Bem, sabemos que que a máquina não está funcionando, temos que levar para arrumar.

— Não tenho grana. Carro quebrou. Tenho aquela coleçãozinha de boletos... Nhé, vamos para o bom e velho caderno.

E aquele *sketch* novo, bonito?

— Bonito demais para rabiscar.

Ah, tem aquele caderno que você costurou no curso de encadernação...

— Papel especial... É *pra* desenho.

Uau! Vamos desenhar, então!

— Preciso escrever.

Ou assistir vídeos de decoração, saiu temporada nova do Studio M4 transforma... Aprender a tocar guitarra pelo *YouTube*... Comparar marcas de patins... Ah! Ou pesquisar sobre uma das suas obsessões. Já reparou, que engraçado? O quanto você é obsessiva? Por que não escreve sobre isso? Faz uma “lista das minhas inesperadas obsessões”, é genial!

— Hm, mas eu já fiz a lista dos pequenos e grandes medos. Vai ficar repetitivo. Ninguém

quer saber tanto, assim, sobre as minhas intimidades e...

Faz só para criar tópicos para crônicas, então. Depois você desenvolve, oh: tem a sua obsessão musical, por quê, mesmo?

— Porque a gente ouvia música na rádio e não consegui descobrir que música era.

E qual era?

— Boa pergunta.

Tem aquela obsessão pela sua amiguinha de infância, a Ana Luísa.

— Lúcia! Era Ana Lúcia.

Se ela existir.

— Ela existe.

E cadê?

— Boa pergunta!

Tem a obsessão com a empada da tia Zélia.

— Já escrevi sobre isso. Acho. Não sei.

Ah, tem sua obsessão com o espaço urbano. Lembra da vitrine do unicórnio reluzente? Da livraria do livro de inglês no vale que

desapareceu? Dos comércios misteriosos da av. Castelo Branco e do rolê errado da Rolemar?

— É. Falando assim, parece estranho.

Você é estranha, conforme-se. E não reclame, já tem várias ideias para assuntar.

— Sempre tenho.

Então escreva! É domingo. O aquecedor, a manta, o cachorro no colo, a garrafa de chá. Quer mais o quê?

— Boa pergunta.

Anote essa conversa, pelo menos. Como dizia dona Jurema: “Camila, inútil”, já deveria estar anotando.

— Anoto. *Notebook* descarregado.

Agenda velha?

— Pode ser. Caneta não pega.

É o frio. Teste outras, têm várias.

— Essa não, é para desenhar.

Uau, vamos desenhar?!

— Preciso escrever.

Por quê?

– Porque eu gosto?¿?¿?¿

Tem certeza?

– Boa pergunta...

O escritório decorado. O chá de sabor surpresa. Os cadernos. Tudo delicadamente conspirando para revelar que o silêncio – tão caro – é sempre externo.



Faço letras

Em meados de 2006 eu era uma jovem estudante do curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina. Fui passar férias na casa dos meus pais, na cidadezinha de interior onde cresci. Nessas férias, conheci umas pessoas novas que logo se mostraram curiosas sobre o que eu tanto estudava: “que curso você faz?” Naturalmente, respondi: faço Letras. Alguém disse um “ah, legal” seguido por um silêncio.

— Tipo aquelas de cartazes? – uma das meninas, corajosamente, rompeu o silêncio.

Eu ri.

— Não, exatamente – respondi, porque, no fundo, eu adoro fazer um cartaz.

— Letras de madeira...?

— Não, cara, devem ser letras de música! – outra interrompeu.

A mais velha e mais sábia corrigiu:

— Não, besta! Letras é para ser professor de português.

Eu ri, de novo, não sei se por achar graça ou de nervoso. Deixamos aquele assunto nada promissor morrer, mas a reflexão nunca saiu da minha cabeça.

As pessoas não sabem o que faz o profissional de letras. Acho que isso é culpa da falta de nome. O estudante de história vira historiador, de geografia vira geógrafo, de pedagogia vira pedagogo, mas, o estudante de letras vira... Formado em letras ou, com sorte, professor de português. E, convenhamos, nome é importante. Quando se descobre uma espécie nova, rapidamente atribuem a ela um nome. Até cozinhas, colchões e estantes têm nome – estranhamente, quase sempre nomes próprios e femininos. Parece que tudo que existe, tem nome.

O drama se estende: aquele que não poderá ser nomeado, no caso, o estudante de letras, muitas vezes, não sabe o que faz, de fato, o profissional de letras. É comum a procura pelo curso ser motivada por afeição à disciplina no ensino médio; por gostar de escrever – que foi o meu caso – gostar de ler; querer ser escritor, dentre outros motivos, às vezes menos nobres, como não ter conseguido passar em jornalismo. Apesar de o curso ser, na maioria das vezes, uma

licenciatura, voltada à formação de professores, não vejo muitos alunos ingressarem em letras fazendo juras de amor à docência. O fato é que, seja na licenciatura ou no bacharelado, o curso de letras tem um amplo espectro de atuações profissionais, muitas vezes desconhecidas pelo grande público – e, para nossa alegria, a maior parte delas têm nome!

O graduado em letras pode atuar como revisor, como redator, como editor. Pode ser escritor, produtor de textos de diversas categorias, técnicos ou publicitários, produtor de material didático. Pode ser tradutor, intérprete. Pode ser perito da área de letras. Professor de várias modalidades de ensino: idiomas, ensino básico, pré-vestibular, superior, formação inicial e continuada, preparatórios em geral. Crítico literário. Pesquisador – que é o meu caso, atualmente. Meu medo é que, nessas idas e vindas da vida, me perguntem: mas o que tanto você estuda nesse doutorado? Eu, naturalmente, responda: faço pesquisa em letras. E escute, num agridoce *déjà vu*: “aquelas de cartazes?”



A língua do amor

Crescemos ouvindo que a língua do amor é o francês, mas, quanto mais a conhecemos, menos acreditamos nisso. Devo admitir que é uma língua *sexy*, com suas pronúncias de biquinho, mas tem regras e estruturas fixas demais para ser a língua do amor. Por natureza, o amor é flexível, “é ferida que dói e não se sente, é um contentamento decontente, é dor que desatina sem doer” – como já dizia o poeta. E o francês, além disso, não tem uma pronúncia assim tão *sexy* na fala cotidiana. A música ajuda até que faz a sonoridade do idioma a parecer maravilhosa, mas isso não corresponde à realidade. Nos filmes, por exemplo, o francês soa tão ríspido e briguento quanto o alemão.

O inglês é a língua da praticidade: várias pessoas, duas conjugações. O amor, por outro lado, é arqui-inimigo da praticidade. Temos toda a literatura aí para provar essa afirmação: Romeu poderia apaixonar-se por uma amiga da família; Julieta, por um nobre arranjado por seu pai, tudo certo, tudo prático. Só que não. O amor

é aquela coisa complexa que faz você se apaixonar pelos inimigos declarados do seu sangue. Por cantores de bandas *pop*. Por pessoas comprometidas. Por pessoas em coma. Por fantasmas. Por príncipes nigerianos que precisam trazer a fortuna para o Brasil através da sua conta corrente – cuidado, é golpe.

O amor se alimenta dessas dificuldades e reviravoltas. Falando nisso, temos o candidato *caliente* e cheio de reviravoltas: o espanhol, língua do *me voy a ir yendo*, uma frase com cinco palavras e três diferentes formas do verbo ir. Língua do *enamorarse*, que apesar de muito fofo, não alcança toda a fofura do “apaixonar-se”, que traz a partícula que falta, sem que o casal vire uma coisa só. Engraçado como no inglês, desde o início, quando você está apenas conhecendo ou ficando com alguém, já está *dating*. Apaixonar-se, por outro lado, é cair de / no amor, *fall in love*. Em francês, ideia similar: *tomber amoureux*. No espanhol, se apaixonar parece com “entrar em um namoro”. Mas na língua do amor, são ideias e palavras completamente diferentes.

Em português a gente se apaixonava, em uma única palavra, que não tem relação como namorar ou com amar porque, bem, sabemos que

esses conceitos não têm mesmo relação na vida real. E se apaixonar vai bem além de cair de amores. É, também, flutuar, suspirar, babar, transbordar de amores. Ficar com as bochechas doloridas de sorrir de amores. Enquanto em inglês eles só têm os status *dating*, *engaged* e *married*, nós temos diversos estágios de envolvimento, complexos como o próprio amor: saindo, vendo, curtindo, ficando, pegando, enrolados, namorando, noivos, casados.

E nosso romantismo vai além dos rótulos: temos a palavra saudade, intraduzível em outros idiomas. Em inglês, “*miss you*”. Em francês “*tu me manques*”. Em espanhol “*te echo de menos*”. Expressões relacionadas à perda ou à falta de alguém, que não compreendem toda a carga semântica da palavra “saudade”.

Certamente, a sonoridade cantada e denegosa do português brasileiro, por si só, poderia nos dar o título de língua do amor. Mas o nosso idioma tem suas vaidades. O que coroa, definitivamente, o português como a língua do amor é uma única palavrinha de seis letras, cuja raiz etimológica é indeterminada, mas provavelmente seja originária do quimbundo, língua angolana: *cafuné*.

Na língua do amor, somos detalhistas. Em inglês, a ideia de um cafuné precisa de uma frase toda para ser concebida: *to scratch somebody's head gently*. Em português, temos os vários nomes para os estágios de envolvimento amoroso e palavras tão significativas para sentimentos tão fortes, que resumimos em poucas palavras a ideia da frase “apaixonada por seu cafuné, saudades!”, que o mundo precisa de um livro inteiro para traduzir.



A blasfêmia

No terceiro ano do curso de letras, estava eu a conversar com um professor de literatura, aliás, o melhor deles. Presenteara-lhe com uma antologia de textos de um concurso que participei, no qual não obtive uma notória classificação. Esperava ansiosamente pela sua opinião. Ele, um homem muito culto, não sorriu, nem disse que o texto estava bom. Com seu vocabulário polido, começou a contar uma história:

— Há muitos anos, houve um concurso literário com jurados muito preparados e certo jovem participou desse concurso, mas não obteve primeiro lugar. Um dos jurados chamou-o de canto e disse que lamentava que ele não tivesse ganhado, pois sua obra era de extrema qualidade, muito evoluída para seu tempo.

Eu atentíssima às palavras do mestre que continuou:

— Esse jurado disse ao rapaz que seria um grande sucesso, que dali algum tempo o jovem escritor seria comentado por toda a crítica, mas

que ele não estaria mais nesse mundo para ver o merecido reconhecimento do moço.

Eu, acreditando que pudesse ser apenas uma historinha para elogiar meu texto, quando o professor me perguntou:

— Sabe quem era esse rapaz?

— Não – respondi, no que ele propositalmente não quis elucidar-me:

— Viator!

— Quem? – perguntei incrédula, achando que o jurado estava errado e o moço não alcançara o êxito previsto.

O professor Márcio, tomado por uma voz de trovão, fez a declaração que me arrancou prontamente um arrepio:

— Viator, pseudônimo de Guimarães Rosa!

A minha expressão variava entre orgástica e chocadíssima, meus pensamentos conflituosos tentavam, logicamente, não acreditar no que entrara pelos ouvidos. Não era um elogio. Não podia ser um elogio porque, se fosse, o professor Márcio estaria me comparando a Guimarães Rosa. E isso era inconcebível. Nunca na vida

imaginei receber um elogio como este e o que faria um ser humano após ouvir algo assim?

Vendo que eu empedrara diante de si, ele esboçou uma sanção dizendo que o texto destoava muito do restante da coletânea e que apresentava qualidade superior ao que ganhara em primeiro lugar. Fiquei extasiada, já que sua opinião era de suma importância para mim.

Não perguntei o que ele realmente quis dizer com a história do grande Rosa. Não contei para ninguém, também. A sensação blasfema da possibilidade de ser comparada com Guimarães Rosa tinha de ser clandestina. Era incrível e inconcebível demais para ser dividida.

Aquela conversa furtiva e instigante no CCH reverbera até hoje. Não foi à toa que mal consegui dormir naquela noite. Comparara-me ou não com Guimarães Rosa? Isso é grave. Grave como duvidar de Deus, pior, intitular-se Deus. Mas a dúvida é prazerosa. Sendo uma comparação, é tal qual ser canonizada, ainda que meu santificador estivesse nitidamente blasfemando. E essa sensação tem que, mesmo, manter-se clandestina, pois, como todo bom cristão, tenho que declarar:

— Guimarães Rosa não, professor. Comparar com Guimarães Rosa é pecado.



Paixões e gramática de domingo à noite

Namorados deveriam ser tópico de estudo científico à parte do restante da humanidade. Casais em início de namoro são exacerbadamente dotados de sentimentos de cumplicidade e gentileza, ultrapassando qualquer resquício de raciocínio lógico, acima de qualquer expressão de inteligência de outro exemplar da espécie.

Exercem fenômenos quase surreais de melodrama e romantismo, tipicamente aos domingos à noite. (Perceptíveis, apenas, sob análises críticas, materialistas e/ ou inteligentes.) Namorados adoram domingos à noite.

Planos para um fim de semana perfeito:

— Amanhã cedo poderíamos ver os ingressos para a exposição, né, benzinho?

— Claro meu docinho-inho-inho. Onde estão vendendo os ingressos, ahn? Minha florzinha!

— Acho que no shopping tem, Putucuxo.

— Meu bebezinho quer ver os ingressos? Que linda!

— (Suspiro.) E o meu amorzinho não quer?

— Claro que quer!!! (Slashslisshslash!¹) Mas meu amor, você vai lá ver os ingressos por quê? Ahn??

— Ah, porque semana que vem não temos nada para fazer, fofo.

— (Extasiado.) Mas como minha namorada é inteligente... Inteligente não! – GENIAL!!! – você é genial, Cicinha! Um fim de semana livre e já quer lançar uma tendência mundial! Minha gatinha!

— (?)

— Já posso ver seu futuro, meu amor: milhares de pessoas se reunindo para ‘ver os ingressos’, sua maravilhosa e reconhecida exposição de ingressos!! (Imaginem só!) Pessoas vindas do mundo todo para, como você, admirar os pequenos ingressos por amor, por ARTE!!! Sem nada em troca além de satisfação pessoal e...

¹ Slashslisshslash: onomatopeia para beijo de língua que usava sonoramente durante quaisquer cenas de beijo na minha infância, causando embaraço e incômodo aos envolvidos. Sempre quis trazê-la à linguagem escrita. Agradeço a oportunidade.

— Putucuxo, pare...! Eu quis dizer “ver” de “comprar”, não *surta*, bebê!

Ele, de coração partido, iniciando a briga de domingo à noite – casais de namorados adoram brigas de domingo à noite:

— “Ver” de “comprar”? Não são sinônimos! “ver” de “enxergar”, “comprar” de “adquirir”, fosse assim um cego não poderia ir a *shows*, né? Como iria “ver” o ingresso?!

— Tudo bem meu amor, me perdoe. Eu não quis ofender, estava querendo dizer ver os preços, os horários, os lugares e não cultivar os ingressos, *tá*? Então, vamos adquirir os ingressos amanhã?

— Adquiriremos! (Triunfante.)

— Está me corrigindo?

— Não, apenas garantindo o livre comércio e suas expansões...

— Livre comércio?!

— A garantia de realizar transações comerciais pela internet, sem ter que “ver” nada! Como os ingressos que adquirimos para o *show* do Eevanescence, sem vê-los!!

— Está bem, docinho... Esquece esse assunto e vem *aquizinho, veem!*

— Não tente me persuadir com essas suas carícias infames! Preciso garantir a superioridade vocabular da nossa descendência!!!

— *Tá, tá*, mas não precisa chorar, Gutinho, afinal, nada disso tem importância. Nosso amor é maior do que se possa expressar com qualquer palavra! (Mulheres, o que seria do mundo sem elas?).

— Olhe aqui, Maria Cecília, pare de diminuir o nosso idioma. Ele pode expressar qualquer – eu disse QUALQUER – coisa!

— Augusto, eu não tenho culpa de você não entender o que eu falo; linguagem figurada, Augusto! Estética, estilo, variação linguística!

— E o real significado das palavras, para onde vai? Ahn... Ahn???

— *Pra rua*, como você!

...

Ele, chegando à calçada de casa, suspirando que ela podia – sim, ela podia – ter dito

‘informar-se’ sobre o ingresso, se queria as malditas informações.

Ela, tentando dormir, pensando porque o Augusto não entende o que ela fala. Seria ele meio surdo? Bem que ela desconfiou quando em certa ocasião, na frente dos amigos dele, disse que o namorado seria um astro e o rapaz foi embora, chorando, achando que ela dissera asno.

Semanas depois ele pensava apenas que o ingresso tinha sorte, teria, enfim, sido visto por ela... Visto e tocado. E ah, como ele invejava o tal do ingresso:

— Aposto que ele não sabe etimologia.



Estranheirismo

Não dá para disfarçar a careta quando lemos por aí palavras em inglês escritas da forma como se pronuncia em português. É muito incômodo ao olhar ver escrito coisas como "pendraive", "notebuque", "uaifai". Começamos prontamente a julgar o amiguinho, acusando-o do imperdoável crime de não saber inglês. Se errar na grafia do português, então, estamos a postos para crucificar o meliante e criticar o sistema educacional brasileiro, pai de todas as mazelas.

Não muito distante dos fiscais, estão os guardiões: um grupo de cidadãos super preocupados com a presença de qualquer tipo de estrangeirismo na Língua Portuguesa. Criaram até projetos de lei para proibir.

Entre uns e outros, estranhamente, não nos incomodamos com futebol. E não estou me referindo à copa do mundo. Estou falando da grafia e da pronúncia originais da palavra *football*. Não vemos movimentos pedindo para trocar o nome para "bola-no-pé", nem ninguém considerando um perigo à língua portuguesa essa invasão de

estrangeirismo, essa apropriação linguística deformadora. Pelo contrário, tem palavra mais brasileira? É que na língua, como na vida, a intimidade vem com a convivência.

Tudo bem que existem excessos. Na língua, como na vida, não parece uma boa escolha trocar o que já temos, que nos satisfaz, pelo do vizinho. Nesse caso, promoção é mesmo melhor que *off*, venda é mais legal que *sale*, entrega é superior a *delivery*, e treinador treina-a-dor enquanto *coach* é só barulho de sapo.

Para acalmar os ânimos, existem os apaziguadores, que sugerem a apropriação de palavras que não temos, como *copidesque* e *saite*, e parcimônia na substituição de palavras que já temos e que nos servem muito bem. Sem proibições, sem lei. Porque, sobretudo, a língua é como um organismo vivo. Se adapta às novas necessidades, aos novos meios, aos novos hospedeiros. Se não se adaptar, morre. Desaparece, como o latim. Suas mutações são imprevisíveis, incontroláveis. Quando tentam impor, artificialmente, não conseguem nada além de *estranheirismos*.

No começo do século XX, o francês era para a gente como o inglês é hoje: língua detentora de toda a influência cultural. Assim, movidos por

anti-imperialismo e nacionalismo, entusiastas do purismo da língua portuguesa tentaram transformar nosso "abajur" em lucivelo e nosso "cachecol" em colivelo. Como você pode perceber, não funcionou.

É um alívio saber que a língua não tem controle, que ela é tão fluida quanto nossas vidas, sonhos e incertezas. Que ainda vamos ter nome para aquela sensação de *déjà vu*, que não sabemos explicar ou pronunciar direito, mas sentimos. E, acima de tudo, que pelo menos por enquanto estamos a salvo da tragédia de ter que chamar quiche de bolinho.



O céu das histórias

Para onde vão as histórias que a gente não escreve? Aqueles textos que a gente perde o *timing*, aquela sacada maravilhosa sobre a proibição da entrevista do Lula, que a gente pensou e riu sozinho, mas que antes de escrever, a entrevista foi liberada. Aquele sobre o 7x1, que faltavam palavras para descrever no ápice da vergonha internacional, mas que agora falta vergonha motivadora diante das novas vergonhas da pátria amada, Brasil. O tempo muda as feridas, não é esse o ditado?

Aqueles textos sobre as saudades do que a gente não viveu. Declarações de amor que venceram antes do prazo – lote estragado. O conflito na ceia de Natal que não se realizou porque acabou em setembro. Os desfechos abortados. O saudosismo do ano novo chinês. A traição que tinha cheiro de baunilha. Ou qual seria a cor dos olhos de Manuela e será seu destino cor-de-rosa ou fabuloso como o de Amélie Poulain?

Ou pior, aquele desfecho de flerte cinematográfico, aquela história orquestrada por James

Cameron, digna de todos as categorias do Oscar, mas que só ganhou o de melhor atriz, mesmo, porque a moçoila estava, de fato, atuando. E aquele de pé na bunda que o orgulho fez a gente comer a folha para não publicar e, em um breve momento Hannibal Lecter, cogitar comer os dedos para não correr o risco de escrever algo assim de novo.

Aquele *insight* de férias que a gente até anotou, mas depois de alguns meses realmente não faz mais qualquer sentido a frase: "filosofia das meias trocadas ou a pedra". Esse, pelo menos mantém o mistério motivador. Pior é a vergonha da piada que a gente pensou, riu alto no ônibus, foi julgado pelos demais passageiros, ficou repetindo mentalmente para não esquecer, anotou quando chegou em casa e, agora, percebe que é a materialização do tiozão do *zap*.

Tem aquele texto maravilhoso sobre comida de astronauta que a gente fez inteirinho na cabeça em uma viagem com *mozão*, entre sorrisos e farelos, comendo *pit-stop* de calabresa e achando aquilo a coisa mais incrível do mundo ao som de *rock* alemão. Que sua natureza intergaláctica mandou *pro* espaço.

Aquele texto sombrio sobre aquele lugar sem janelas, que a gente tem medo de escrever e sufocar no meio. Porque, se tudo estiver bem quieto, a gente percebe que quando a gente olha *pra* morte, a morte olha de volta *pra* gente.

Li em algum lugar que cada ideia é um pássaro que pousa no nosso ombro. Se a gente não escreve, ele voa longe e não volta. Acho bonita essa metáfora, ideias em voo livre. De seu breve pouso no ombro do escritor, fica apenas a vaga impressão, a lembrança desbotada, os contornos incertos - melhor que a titica que fica na vida real, certamente.

Fico pensando em todos esses meus pássaros, com suas formas tão distintas, papagaio, quero-quero, sabiá, corvo, calopsita, pardal, todos belos do seu jeito. Pensando que, se numa revoada tão esdrúxula quanto poderia ser, voltassem para a casa, eu teria muito a escrever e vocês, um novo livro para ler. Vou começar a jogar alpiste no chão. O nome do livro será a arapuca ou a esdrúxula revoada dos velhos conhecidos. Obs.: anotar a explicação desse título, que, em um mês, não fará mais o menor sentido.



Vozes

A Ana Cláudia foi quem me desafiou a escrever sobre a minha voz crítica. Por quê não? – pensei. De pronto, ouvi:

– Ih, já vai dedurar a gente!

Seria a dita cuja? Resolvi explorar: você é a minha voz crítica? – Arrisquei. Ecoaram risos distintos: do "rs" ao "oiajsoidsajdiojdiaos-jdOIDJS11!"

O barulho na cabeça me deixou com aquela cara de abobada da enchente, subitamente interrompida:

– Você não tem voz crítica, Camila.

Embora isso realmente explicasse muita coisa, uns risinhos ao fundo me deixaram desconfiada: então, quem são vocês? inquiri, com medo da resposta.

– Somos as suas vozes editoriais.

Hmmm, interessante, mas se houvesse uma voz crítica aí, saberia que essa denominação beira o plágio.

– Eu disse que ela não entenderia! – gritou um.

– É sarcasmo, seu idiota! – retrucou outra

– Gente, parem de gritar que isso me dá gatilho!

Miou um terceiro, seguido de diversas reprovações ao fundo:

– Pega!

– Esfola!

– Capa!

CHEGA! Berrei, chacoalhando a cabeça. Que bagunça é essa?

– Ócio criativo se transformando em pânico do último minuto, senhora! – respondeu o nerd da prancheta.

Gostei desse. É um bem informado. Continuou:

– Consta em nossos registros que as crônicas são de segunda porque são postadas na segunda-feira. E já passam das 18h...

— É, não são de segunda categoria, como sugere o trocadilho pobre, mas vão acabar sendo - cortou um de bigode.

Tá, tá. Eu sei. Mas eu preciso de paz para escrever. Então, primeiro me expliquem quem diabo são vocês? Fantasmas? Encosto? Excesso de cafeína?

— Deixem que eu falo com ela – a moça de terninho e *chanel* de bico tomou a frente. – As pessoas normais têm uma voz crítica, certo?

Certo. Concordei sem pensar porque mulheres poderosas me enfeitiçam.

— Pois bem, escritoras têm toda uma equipe editorial crítica. Observe: o cara de bigode e cachecol é seu crítico literário; o da prancheta é seu secretário. Eu sou a Petra, pesquisadora de assuntos feministas.

Ela continuou:

— Apanhando ali ao fundo, é seu leitor sensível. Os que estão batendo nele são, respectivamente, sua voz política, sua voz sexual e sua voz religiosa. Tentando separar, é o *good vibes*, a professora e o marqueteiro. Apontou para uma gaiola:

— Ali estão o tio do *pavê-pacumê* e a mesóclise, proibidos nas crônicas.

Então, tem toda uma equipe editorial na minha cabeça?

— Incrível, né?

Entrei embaixo do chuveiro e deixei entrar muita água no ouvido, torcendo para a sede onde ficam as vozes não ser a prova de alagamentos.



A insustentável leveza da crônica

Ontem tive ideia para uma crônica. *Mozão* e eu estávamos almoçando juntas, às 17h35, jogando conversa fora como em toda boa refeição. Enquanto confirmamos que a carne de panela estava realmente derretendo e combinava muito bem com o nhoque, falamos alguma aleatoriedade simples, inteligente, carismática e fofo. Um *assuntinho*, assim, bobinho, mas divertido como os do nosso primeiro encontro. Acho que a Nádia até riu bonito, jogando a cabeça para trás como de costume. Eu sorri de cantinho e disse “isso dá uma boa crônica” e *mozão* confirmou antes de outra garfada.

Duas horas depois, me sentei para escrever e qual era mesmo a ideia? Era algo, assim, muito fofo. Não tinha a ver com o nosso almoço ser às 17h35, nem com o fato de que já trocamos o dia pela noite. Nem com isso de não sairmos de casa há um mês. Era uma ideia fresca que não dialogava com doença, miséria ou morte. Era mentolada, como toda boa crônica. Chamei a Nádia, revimos os assuntos do almoço. “Era sobre as

ofensas da sua mãe?” Hahaha, não. “Nem sobre o *tinder*?” Não. “As vantagens do webnamoro em épocas de quarentena?” Não. “Sobre o pessoal do *big brother* não saber que estamos em meio a uma pandemia?” Hum, interessante, mas não.

Era mais legal que todos os rascunhos prontos. Mais legal que a crônica de viagem que não terminei e que aquela que ainda não escrevi sobre comida de astronauta. Era uma ideia impecavelmente boa porque não era o arroz com feijão. Não falava de nada importante, não fazia crítica ao governo, nem ao consumismo. Era uma crônica sobremesa. Aquelas de restaurante chique, que são tão decoradas que dá dó de comer e tão pequenas que você pode até não ter certeza se sentiu bem o gosto, mas tem certeza absoluta de que é bom, pelo menos até vir a conta.

Tenho uma amiga que diz que o homem é incapaz de criar. Que arte é coisa divina. O panteão cria lá nos céus e sopra as ideias para a terra e quem estiver com as antenas sintonizadas capta o sinal e traduz para os demais. Considerando o branco que me deu, só gostaria de saber com quem reclamo por essa sombra no sinal logo hoje, que todo mundo precisava de uma crônica

insustentavelmente leve, soprada feito pluma para pairar até pousar na pena. Mas, se foi realmente sopro divino, talvez a pluma tenha criado vida e alçado voo. Talvez, seja aquele passarinho cantando próximo à sua janela. Nada mais que a minha ideia perdida tentando outra estratégia para alegrar seu dia.



O trema caiu

Este escrito deveria vir acompanhado de marcha fúnebre. Todos deveriam segui-lo em fila dupla, com cabeças baixas e silêncio mordaz. Quem morreu? O trema! De que? Foi linchado pelos moderninhos. Não resistiu, coitado. Suspiros deveriam espalhar-se na atmosfera sombria e o caixão deveria ser branco e obviamente coberto com a bandeira do Brasil. O dia deveria estar nublado e o caixão deveria ser conduzido a uma assembleia, mas o velório deveria ser curto, para que não se cansassem todos, assim em pé. Sim, sim, em pé, não viu que a “*assembleia*” perdeu o “*assento*”? A autora deveria apanhar por essa piada sem graça.

A “*lingüiça*” não será mais a mesma, nas embalagens deverá constar: “*linguiça: apenas um terço do antigo sabor!*” – *Lingüiça* sem trema não tem a menor graça, tem gosto de enguiçado, “*linguiçado*”. Não lhe dá enjoo? Sacrilégio! Enjoo? Voo? Leem?

Concordo, meu amigo, sacrilégio! Mas é lei, reforma na Língua Portuguesa, para ela ficar

moderna, se adequar às necessidades da nova geração de falantes. Eles não precisam de nada acentuado, não, não; eles preferem tudo superficial mesmo.

Estamos velhos, amigo; brevemente vão querer nos extinguir também! Os que escaparem, um dia talvez contem aos netos, tomados de nostalgia, como no seu tempo a língua era bela e a *lingüiça* tinha gosto. Daí o neto mais novo vai rir e perguntar se nostalgia é nome de remédio para dor de cabeça e o mais velho vai querer saber que língua estranha era essa que se falava há tanto tempo – “Não era a língua brasileira, né, vô?” – você se conterà para não dar um sopapo no moleque, afinal, ele está certíssimo: depois do trema, caíram o agudo, o circunflexo, o til; os próximos serão o pai e a mãe. E não há ‘ideias’ nem gestos ‘heroicos’ para nos salvar, pois foram despetalados com a última flor do Lácio, um massacre!

Numa noite densa, talvez se ouça ainda um boêmio saudoso declamando à lua: “Amo teu viço agreste e o teu aroma/ De virgens selvas e de oceano largo! /Amo-te ó rude e doloroso idioma”, mas será tarde, será tarde.

Sobrescrita

O poeta é mesmo um fingidor. Manipula as letras para o belo, para emocionar. Não é o que os mocinhos fazem, afinal? Veem o poético exalado pelas paisagens, pelos ipês floridos, misturam com uma dose da dor que deveras sentem, do olhar da amada e, *tcharam*, está pronta a poesia. Já os comentários sarcásticos, ácidos e irônicos são, desde os primórdios, relegados aos vilões e, agora, aos cronistas. Caim, o primeiro assassino, depois de matar o irmão e ocultar o cadáver, responde a Deus: “por acaso sou eu babá do meu irmão para saber por onde ele anda?” – do sangue de Abel surge matéria prima fértil para crônica que o mais medíocre dos cronistas pode explorar por séculos: por acaso sou babá da Presidente? Do Cunha? Do Brasil? Da seleção? – e, tentando ser romântico: “por acaso sou babá do meu coração?” – os cronistas descendem de Sete? Duvido.

O cronista tentando ser romântico é quase sempre como um vilão dando cantada: “*why so serious*, broto?” – Devidamente ignorado pela

moça, pode até arriscar um “sou escritor”, ciente de que ela vai lhe pedir uma poesia. E a poesia não vai acontecer: as letras se misturam loucamente, as frases afásicas, e o papel continua em branco. As imagens poéticas se tornam engraçadas e absurdas, até o amor entre abelha e flor se tornam contornos de uma sociedade pós-moderna decadente. Não vai sair sequer “o amor é uma dor / é um tédio sem remédio” porque o cronista não é um fingidor, é um esmiuçador. Ele futrica o lixo, o íntimo e o efêmero. Ouve os pensamentos das pessoas e escancara com uma ironia fina – fofoqueiro! – olha as tragédias da alma humana e adapta em fábulas mesquinhas – cí-nico!

Quando o poeta cria, em poucas palavras, dá contornos belos aos sentimentos do mundo e qualquer frase pode ser fatal. O cronista pega os sentimentos do mundo e desossa, esmiúça, tira toda a parte nobre, põe de lado e se concentra nas vísceras, no nervo exposto, com um risinho de canto como um perfeito psicopata. Na melhor das hipóteses, é um viciado em nostalgia que, por sua vez, nada mais é do que o dom de transformar uma lembrança boa em tristeza. Imagine o tamanho da nuvem negra sobre a cabeça do cronista! O que o diferencia definitivamente de

um Allan Poe é que da nuvem de Poe cai chuva torrencial, com raios e trovões, capaz de alagar um mundo pré-biótico e formar a sopa primordial que dará origem às bactérias, vírus, monstros e todos os personagens instigantes que conhecemos. A chuva do cronista é estéril, é chuva ácida.

A crônica é um gosto crônico por pontos de vista: eu não quero saber só a história, só a aventura, eu quero saber o que você acha de tudo isso, como se sentiu sobre isso. Eu não quero apenas a encenação, o teatrinho, eu quero a polêmica, a desconstrução. Ai da literatura se dependesse unicamente de cronistas. Os romances transitariam dos românticos, em que se pensava sobre os platônicos, mas não se fazia nada além de morrer de amor; para os pós-modernos, em que se pensa sobre a existência, mas não se faz nada além de não saber o que *tá conteseno*.

Os épicos, então, jamais existiriam. Doze trabalhos são demais para um cronista. Hércules ficaria sentado em roda, volteando a fogueira com outros pseudo-heróis em crise de identidade, para sempre. Haveria terapia em grupo para entender o porquê de a pobre Hidra ter de ser morta e, principalmente, o porquê de ela

insistir tanto em viver, uma tremenda cabeças-duras. Discutiriam a falta de sentido em suas missões, no amor, nos deuses e na existência. Escreveriam desengonçados compêndios filosóficos com encadernação de gosto duvidoso ou, pior, crônicas.

O cronista, estripador da alma humana, não serve para grande coisa, assim como essa crônica sobre a escrita, tão cretina que se fosse um conto seria sobrescrita por uma receita de bolo de cenoura, doce, fofo e feliz. Mas eu sou cronista e faço questão desse amargor. Engula sem cuspir.



Parentes que não têm razão

Toda família tem um parente que não tem razão. Com sorte, vai ser o tio do *pavê ou pacumê* que você só vê no fim do ano. Com azar, vão ser seus pais ou seus irmãos. Eu tive sorte. Apesar de ter três irmãos, não sofri com a competitividade que os pais geralmente alimentam nos filhos. Depois que crescemos, qualquer competição ficou ainda mais distante, já que cada um é ótimo em algo: um tem disciplina militar, outro é medalhista da olimpíada da matemática, outra tirou 950 na redação do ENEM e a outra é linda e tem um psicológico blindado.

Assim, desenvolvemos admiração mútua e cooperação ao invés de competição. O que não agradou nossos pais, evidência de que, provavelmente, faziam rinha de bebês quando éramos pequenos. Primeiro o irmão militar casou-se. Depois a irmã linda casou-se. Depois o irmão *nerd* casou-se. E se divorciou. E se casou de novo com a mesma mulher (mas isso é papo para outra crônica). Como eu não estava nem perto de me casar, terminando meu sétimo namoro aos trinta

anos, começou a pressão. Mas eu tinha argumentos. Só vou me casar quando terminar o doutorado e publicar meu livro.

Com uma cara fatal de pessoa preocupada com o futuro, acho que até usei o: “a pós-graduação é um filho”. Como pais ponderados que eram, aceitaram as condições. Mas começaram as comparações: *tua* irmã teve um bebê e *tu* ainda não entrou no doutorado! A Alice aprendeu a andar e *tu* ainda não publicou aqueles artigos. A Alice aprendeu a falar mamãe e *tu* ainda nem saiu do básico no francês. A Alice aprendeu a falar “calaio” – obviamente quer dizer “cavalo” – e *tu* ainda não publicou *teu* livro...

Obviamente, eu não ia deixar essa competição me abalar porque eu também sei andar, falar mamãe e ainda conheço mais de 237 palavras – alguns cunhados por mim. A coisa ficou mais complicada quando meus dois irmãos também ficaram grávidos. E minha mãe entrou em estado terminal. Um argumento terrível: “não acredito que vou morrer sem conhecer meus netos e sem ver você doutora, sem ver teu livro publicado”. Foi persuasivo. Fiz o processo seletivo do doutorado com dona Jurema em seu leito de morte. Mandei o livro para a editora. Ela

conseguiu conhecer os netos, mas não ver minhas aprovações, que chegaram um mês após seu falecimento.

Com a celebração da família, claro. Aquilo de “a mãe *tá* vendo lá de baixo”. Tudo lindo. Processo editorial de um semestre, lançamento marcado. SESC Cadeião, casa cheia. A irmã grávida foi com toda a família para prestigiar. Como eu disse, tenho sorte. Levei 31 anos para conhecer minha parente que não tem razão: a neném estourou a bolsa no dia e na hora do lançamento do meu livro. Catarina nasceu duas semanas antes do previsto, para não ser de leão e, mesmo assim ou por causa disso, roubar a minha cena. O que consola, é que ela é mais fofa que edição comemorativa ilustrada em capa dura, verba de edital ou troféu do Jabuti.

Catarina, “*titi*” te ama. Feliz aniversário! Para o meu próximo lançamento de livro, você não está convidada.



Não sabia, agora *sapiens*

Tem coisa na vida que é tão cotidiana que a gente quase não pensa sobre. Como respirar, dormir, tomar banho ou escrever. Não é algo que comemoramos, como: bem-vindos ao vigésimo quinto aniversário do meu primeiro banho sozinho ou da primeira vez que escrevi o alfabeto à caneta.

A escrita é banal. Mas não foi sempre assim. Com algum esforço, consigo me lembrar do mundo antes de eu dominar essa arte. Os meus olhões curiosos passeavam por todas as placas, fachadas de lojas, revistas e livros, ansiosos por adentrar o mundo daqueles códigos misteriosos que os adultos dominavam. O mundo parecia ter muito a me dizer. Mas depois vieram a escola, a cartilha, as frases não muito empolgantes sobre o vovô ver a uva e o bebê babar na babá boba.

Não foi fácil. Não entendia porque a nossa língua era a portuguesa e não a brasileira. Não entendia o S com som de Z e, meu deus, quem diabos inventou a cedilha? Pensava que não ia

conseguir, pensava em desistir, mas como lidar com aqueles livros com tanto a dizer e eu sem saber ler? Um belo dia, a conjunção astral colaborou e o código finalmente entrou na minha cabeça.

Outro dia, depois de muita ginástica, depois de muito a tia Ieda e a tia Idemée pegarem na minha mão e me ajudarem no tracejar receoso, fiz jus a minha condição de *Homo sapiens* e, em um movimento de pinça perfeito, subjuguiei a escrita – a criança, triunfante, se sentindo o próprio deus, fazendo um A de Adão com o giz de cera vermelho – letra A que, a partir de então, poderia ter trancinhas sempre que eu quisesse. E o O poderia ter boné. O vovô poderia ver a uva, mas também poderia ver o bebê e babar na babá. O vovô poderia até ser bobo. Quando a gente aprende a escrever, o mundo todo passa a ser um papel em branco, nada mais é impossível. Mas aí entram cadernos e cadernos de cópias, de conteúdos herméticos, história do mundo, ciências, linguagem, matemática, tudo, menos a nossa própria prosa. E a escrita vira a reprodução impessoal do mundo. E só. Cotidiana e necessária, mas banal.

Com sorte, chega o dia em que percebemos que a escrita é não somente o código que zela pela aventura humana, mas a matéria prima da mais refinada das manipulações: suas linhas sinuosas ora explicam e justificam, ora confundem e enganam. Não é *pra* menos que toda a nossa relação com o universo é baseada em linguagem.

“Está escrito” dizemos quando a vida é de nosso agrado. “Não se escreve” dizemos quando não confiamos. “Escreve certo por linhas tortas” quando queremos reclamar de deus sem blasfemar muito porque, veja bem, a blasfêmia desenfreada pode retirar o nosso nome do livro da vida, aquele *free pass* para o paraíso. No fim das contas, até o beijo da ossuda acaba em escrita, num epitáfio bonito – e provavelmente cínico – gravado em pedra, que parecerá um código misterioso e mágico para outra criança curiosa que não sabe o que lhe espera.



Agora não, *Sapiens*

No princípio, o homem era bicho. Nu e de quatro, corria colinas afora, gania, catava seus parasitas e temia a morte. Seu cérebro pequeno e limitado pensava apenas no momento presente. Sua vida se baseava em tentar comer e tentar se acasalar numa época em que não havia *ifood* e *tinder*. Mas, um dia, o homem ficou de pé. O motivo provavelmente não foi nobre. Pode ter sido para alcançar uma fruta em um galho mais alto ou para fazer *pirulicóptero* e intimidar um rival. Jamais saberemos. Mesmo assim, foi um pequeno passo para o homem, mas um grande salto para a humanidade: as mãos, que não serviam mais para caminhar, desenvolveram polegares opositores, que desenvolveram ferramentas elaboradas, que desenvolveram o movimento de pinça, que desenvolveram ferramentas ainda mais elaboradas.

A caça passou a ser mais bem sucedida, já que é muito mais fácil matar um javali com uma lança do que na unha. O homem bípede tinha as mãos livres para carregar a caça e ser o *delivery*

de seu grupo. Com seus polegares bem coordenados, cozinhou a carne, guardou a gordura, aprendeu a conservar para comer depois. Com a maior disponibilidade de comida, seu cérebro cresceu e agora *Sapiens*: tornou-se senciante, desenvolveu o pensamento simbólico, linguagem, cultura. Toda a sociedade como a conhecemos existe porque, um dia, um ancestral ficou em pé e viu que era bom.

Quando se tornou senciante, o homem deixou de ser bicho. O cérebro grande proclamou o homem o centro do universo. Sorte que nosso instinto animal não nos abandonou e o cérebro grande é desconfiado, que nem bicho. Daí desenvolveu o método científico que, à revelia do nosso ego, nos destronou à força do centro do universo. Mas, a ciência que o cérebro grande inventou tinha uma brecha: ele se autoproclamou o órgão mais importante do corpo, detentor da essência humana e do sopro da vida. Senhor de todas as ideias, mestre de todos os mistérios, cujas expressões jamais podem ser censuradas porque é “minha opinião”. Porque, um dia, um ancestral ficou em pé para xeretar o que tinha atrás do matagal e gostou do que viu, hoje o cérebro grande questiona o método científico e chama isso de liberdade de expressão.

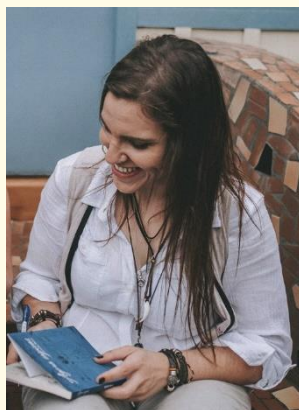
Agora, o cérebro grande – vulgo cabeção – decretou que não precisamos de evidências, apenas de opiniões, lendas e mitos. Que o método científico é uma fraude comunista. Que a terra é plana e que o homem é, sim, o centro de tudo, senhor de toda a criação (mas a mulher não). O cérebro grande constatou que não precisamos pensar criticamente, nem usar muito o cérebro.

Se aquele *Australopithecus* desconfiasse da possibilidade dessa reviravolta, teria desistido de ficar em pé e voltaria para a sua caverna comer piolho. Mas ele ficou em pé, e desenvolveu polegares opositores e o cérebro cresceu e se tornou senciente para o *Homo sapiens* poder dizer “é a minha opinião” e fazer *arminha* com as mãos. Logo agora, em plena pandemia. Agora não, *Sapiens!*





Camila Mossi, gaúcha de
nascença e londrinense
de coração, é cronista por
amor às causas perdidas.
Também é autora do li-
vro *Agora sapiens* (2018).
Licenciada em Letras, Pe-
dagogia e Artes Visuais, é
especialista em Língua
Portuguesa e mestre em



Letras pela Universidade Estadual de Londrina
e é doutoranda em Letras - Estudos Literários
pela Universidade Estadual de Maringá. Estuda
campo literário e formação de leitor e trabalha
em uma biblioteca, orquestrando um grande es-
quema de pirâmide para que todos leiam mais e
ela possa vender seus livros. Também é especia-
lista em piadas ruins.

O
silêncio
é
sempre
externo

Camilla Mossi





www.camilamossi.com



camilamossi@yahoo.com.br



Crônicas de segunda por Camila Mossi
[*www.fb.com/escritora.camilamossi*](http://www.fb.com/escritora.camilamossi)



Composto em *Cambria* e *Palatino Linotype*
Primavera de 2020



O silêncio é sempre externo é uma seleção de vinte crônicas sobre a nossa relação tão íntima e tão complexa com a língua materna. A leitura e a escrita são mote de textos sobre amores e desamores, vida e morte, sonhos e pesadelos. Camila Mossi apresenta um festival de metalinguagem e metanarrativas, com reflexões nobres, mas na maioria das vezes, miúdas. Porque, no fim das contas, a língua de Camões também é a língua da feira de rua; a poesia dos saraus também vira cantada ao pé do ouvido e a escritora é a ilusionista que transforma tudo isso em um espetáculo: a crônica é um coelho branco na cartola.

